

## **TARCÍSIO X HADDAD**

### **2026 Repetirá 2022?**

Por *Rui Tavares Maluf\**

Até o momento em que eu concluía este artigo no decorrer do mês de junho, o governador de São Paulo, Tarcísio Gomes de Freitas (Republicanos), continuava sendo favorito absoluto à reeleição ao cargo no pleito de outubro próximo, ou seja, daqui a pouco menos de cinco meses, tendo pela frente novamente entre seus adversários a Fernando Haddad.

Tarcísio venceu a eleição de 2022 em segundo turno por superioridade de 1,19 vez e de 1,24 vez no primeiro turno em relação ao candidato Fernando Haddad, diferenças estas que podem ser consideradas uma confortável vantagem. Considere o leitor por “confortável vantagem” - além da diferença numérica em si mesmo - o fato de que Freitas concorria contra um total de oito adversários, de ser estreado na disputa de um cargo público eletivo - o que tende a reduzir a rejeição - e ser-lhe atribuída a condição de técnico em lugar de político, em um mundo no qual ser caracterizado como político é geralmente motivo de repulsa popular.

Por outro lado, tal desempenho pode ser explicado quase integralmente por ser ele um postulante criado pelo então presidente Jair Bolsonaro, o qual reunia significativa popularidade quase da mesma maneira que anos atrás seu adversário o fora pelo presidente Lula quando este o lançou candidato a prefeito de São Paulo no pleito de 2012.

No entanto, o desempenho de Tarcísio merece ser visto com menos entusiasmo se a eleição de 2022 fosse comparada a todas as eleições anteriores a partir de 1990 - quando se deu a primeira sob a vigência da atual constituição - e, também, por mais de um indicador que se fizesse a comparação. No entanto, à exceção de uma ou outra referência que eu possa fazer adiante, este recurso já fugiria ao que me proponho aqui.

Assim sendo, faço a pergunta: será que a eleição de 2026 na qual os dois voltam a se enfrentar repetirá a de 2022? Fernando Haddad terá alguma chance real desta vez? Ou será que Tarcísio de Freitas poderá ser reeleito ainda no primeiro turno?

Não pretendo dar respostas cabais a estas perguntas por mais de uma razão, mas também por estarmos em momento anterior à oficialização das convenções partidárias. No entanto, me proponho a dar densidade para uma análise mais consistente sobre o que poderá se passar em outubro de 2026. Várias características do quadro eleitoral daquela eleição continuam presentes na que ocorrerá em outubro próximo e se materializam na intensa polarização de baixa qualidade.

Contudo, há também muitas diferenças em relação à eleição passada, como o fato de que agora tanto governador Tarcísio de Freitas será avaliado por sua gestão - ainda que seja visto até o momento como franco favorito nas pesquisas de intenção de voto - bem como seu adversário Haddad o qual será em maior ou menor medida inquirido por suas propostas que sejam capazes - ou não - de revelá-lo como candidato próprio, e não como mera projeção do presidente Lula.

Para Haddad, sua condição de ex-ministro da Fazenda também será levada, talvez de forma mais implícita, seja pela qualificação de quem ocupou esta pasta por demais estratégica - e por mais de três anos no atual mandato - e pela mesma ser responsável em larga medida pela combinação de viabilidade de políticas públicas com equilibrada gestão das contas públicas.

De qualquer forma, ainda não se tem total certeza sobre os demais candidatos que os enfrentarão, a despeito de outros nomes admitirem concorrer e de já estarem sendo testados nos levantamentos dos institutos de pesquisa, tais como Felipe D'Avila (Novo), Kim Katagiri (UB) e Paulo Serra (PSDB).

### ***Os resultados de 2022***

É fato que ao empregar uma eleição imediatamente pregressa em seu resultado geral a fim de compreender o que poderá se passar na que está em vias de ocorrer ao mesmo cargo, temos de admitir as particularidades existentes em cada pleito. Acrescente-se que a disputa anterior não pode ser vista como a antecipação pura e simples do que se passará na seguinte – mesmo que haja vários aspectos em comum - da mesma forma que pesquisas de opinião com meses de antecedência também não possam ser interpretadas além de uma orientação muito geral sobre potenciais apoios e rejeições.

Apesar de tais cuidados, ou justamente por isso, entendo ser recomendável conhecer bem os resultados da eleição de 2022 - o que quer dizer de forma desagregada - de maneira ao menos a se conseguir saber quão homogêneo ou não se deu o comportamento eleitoral nas regiões do estado, tanto quanto possível nos próprios municípios e, também, relacionando-os ao Produto Interno Bruto destes tanto em valores absolutos quando per capita.

A desagregação dos dados – não apenas em unidades eleitorais menores - faz sentido para qualquer resultado geral tornando-se praticamente indispensável quando se trata de grandes eleitorados e de sociedades complexas.

Parece fácil de entender a premissa de que uma candidatura forte a um cargo executivo, ganhando ou perdendo a eleição, é aquela capaz de obter votação razoavelmente homogênea pelo território – em termos proporcionais - e também por outros recortes que se façam. Ademais, falar em homogeneidade do desempenho é o mesmo que se referir a praticamente estabilidade votos – com pouca variação, pois é exatamente isso que indica que o candidato consegue penetrar em diferentes faixas socioeconômicas.

### ***Por falar em regiões e municípios***

As regiões do estado as quais me refiro podem gerar certa confusão em nosso eventual leitor, pois ao se mencionar o termo pensamos intuitivamente nas regiões metropolitanas (RMs) as quais se constituem desde a constituição promulgada em 1988 em produtos das legislações estaduais. De qualquer forma, diferentemente dos municípios, as regiões – seja quais forem – não são governos.

Como os pré-requisitos para a criação das RMs não são atendidos por todos os 645 municípios do estado de São Paulo, há na atualidade um contingente de 391 municípios (60,62%) não pertencentes a quaisquer destas e, além disso, contabilizei um tanto indevidamente neste contingente de 254 municípios parcela que forma uma aglomeração urbana (Franca), etapa anterior à de uma RM. Também pensamos quase por reflexo em regiões geográficas estritamente espaciais – centro, sul, leste, oeste e norte.

Por tal razão e compreendendo a relevância da espacialização, me debruço aqui sobre as regiões intermediárias definidas pelo IBGE e extensivas a todo o território brasileiro por abrangerem o estado integralmente, ou seja, os 645 municípios. O referido instituto define tais regiões, as quais são subdivididas em *imediatas*, como as que contam com uma hierarquia entre os

municípios de um dado espaço geográfico, estando ainda agrupadas por critérios populacionais e econômicos grosso modo, mas também geográficos. São onze regiões intermediárias (RIs) e, de certa forma, me limitar a estas já será suficiente.

***Mas para que fique mais fácil de entender, ou menos difícil***

A desagregação dos dados por meio das regiões intermediárias e dos municípios que as integram ajudará no entendimento dos resultados globais. Sendo assim, tomando no momento só os municípios do estado como base deste processo, no primeiro turno o então candidato Tarcísio venceu em 500 destes (77,52%), Haddad em somente 91 (14,11%), sendo que o até então governador de São Paulo, o quase desconhecido Rodrigo Garcia (PSDB) em 52 (8,06%). Finalmente, Elvis Cezar - ex-prefeito de Santana de Parnaíba na RI de São Paulo e também Região Metropolitana de São Paulo (RMSP) - venceu tanto ali quanto na vizinha Pirapora de Bom Jesus.

No segundo turno, a frequência das vitórias nos municípios de todo o estado foi ainda mais contundente, a saber: 566 dianteiras (87,75%) contra somente 79 (12,25%) de Haddad. Este é um indicador claro, mas não único, do quão variável e heterogêneo foi o resultado para o candidato do Partido dos Trabalhadores (PT). Se não levássemos em conta que estes entes locais contam com eleitorados de tamanhos muito distintos e não soubéssemos o resultado agregado final – com diferença relativa menos expressiva - a conclusão imediata seria a de que Tarcísio teria aplicado uma “sova” em Haddad.

Ao se considerar os resultados do primeiro e do segundo turnos de acordo com o tamanho dos 645 eleitorados municipais (e os organizando em faixas municipais por quartis – 25%), constatamos que o atual mandatário do estado bandeirante venceu em todas, o que acaba por incluir até a de maior eleitorado. Ou seja, os grandes eleitorados expressam maiores concentrações urbanas e atividades econômicas mais dinâmicas – e supostamente são estes mais propensos historicamente a se alinharem a posições entendidas como progressistas – o que sugeriria a preferência por um candidato da esquerda. Indiferentes a estas interpretações, ou realidades passadas, tais eleitorados se decidiram por Tarcísio em larga maioria.

Em termos proporcionais, seja comparando-se ao seu adversário como com sua própria distribuição, Fernando Haddad foi melhor – ou menos mal – nas menores jurisdições locais, ou seja, no primeiro quartil que compreendia municípios até 4.552 eleitores (admitindo-se possíveis mudanças para a eleição de 2026). No turno inicial, venceu em 21,6% dos municípios situados nesta faixa e no segundo em 20,99%. Os mesmos representaram 38,46% e 43,04% da totalidade dos municípios nos quais ele venceu, ou seja, dos 91 e 79 respectivamente.

Tudo isso fica ainda mais claro pelo fato da *Região Intermediária de São Paulo* – subdividida nas regiões imediatas de São Paulo e Santos em um total de 50 municípios - ser a única a não possuir qualquer ente local nesta primeira minúscula faixa de eleitorado, mas só a partir da segunda.

***Assim sendo, os resultados nas regiões....***

Já no primeiro turno os resultados nas onze regiões intermediárias (RIs) foram quase sempre amplamente favoráveis a Tarcísio de Freitas, o que não significa ter vencido em todos os municípios que as integram, os quais também variam na quantidade quanto no número de

eleitores. O percentual de vitórias dele – com exceção da RI de São Paulo foi sempre acima de 60%. Na de São Paulo, contudo, foi de “apenas” 44%.

Na *Região Intermediária de Campinas* se verificou a mais contundente vitória parcial do candidato estreante ao vencê-la em 86 dos 87 municípios que a compõem.

Portanto, com base apenas na frequência de vitórias no interior das RIs é possível falar que houve sim variação expressiva das mesmas, porém estas ocorreram quase invariavelmente em patamares alto ou muito altos, isto é, muito favoráveis para o vencedor definitivo.

E no segundo turno a frequência de vitórias foi ainda maior de modo que nas RIs de *Campinas* e *Bauru* (esta com 48 municípios) Tarcísio venceria em todas, obtendo 100% de aproveitamento. A RI de *São Paulo* se manteve como a “mais frágil”, mas incrementando suas vitórias de um percentual de 40% para 60%.

Em outras palavras, se a variação de desempenho continuou a ocorrer tal como no turno inicial, esta variação se deu em patamares de muito alto para altíssimos.

#### ***Considerando somente o número absoluto de municípios nas RIs***

Retirando momentaneamente a proporcionalidade do relato que fiz até aqui, é fácil constatar que o maior número de vitórias de Tarcísio está na *Região Intermediária de São José do Rio Preto* – nos dois turnos – mas também pudera, pois esta região é de longe a que congrega o maior número de entes locais no estado de São Paulo alcançando nada menos que 100. Esta região – situada bem ao norte desta unidade da federação - está subdividida em seis regiões imediatas o que sugere em princípio elevada população e eleitorado. Porém, em seu total a referida região intermediária representa somente 4,71% do total do eleitorado paulista.

O então futuro governador venceu em 79 no primeiro turno e em 92 no segundo. Tanto no primeiro quanto no segundo ele obteve supremacias em municípios das seis *regiões imediatas* que a conformam. Por sua vez, seu principal adversário Fernando Haddad passou por oscilação significativa, pois ficou na dianteira apenas em sete municípios no primeiro turno pertencentes a três regiões imediatas (Fernandópolis, Jales e Votuporanga) passando para oito municípios no segundo, porém somente em duas regiões imediatas (Fernandópolis e Jales).

#### ***Porém, ao olharmos para o total de eleitores das RIs***

A frequência de vitórias em municípios é relevante, ainda que bem menos do que a votação total de cada candidato nas RIs. Afinal, em termos absolutos de nada adiantaria ser vitorioso em nove de dez entes locais se a quantidade de votos recebidos do único ente local no qual o adversário venceu superar o de todos outros juntos, se este reúne sozinho maior contingente de eleitores que os demais.

O que interessa são os votos e como estes contribuirão para a votação geral. Bem, mas o que interessa mesmo em última instância para qualquer candidato e apoiador é saber que seu candidato venceu ao final, ou seja, com a somatória de todos os votos independente de onde estes vieram. Porém, não é assim para quem estuda e precisa obter um entendimento profundo e também para quem planeja campanhas.

Por este critério, fica evidente mais uma vez que o vencedor final – Tarcísio - venceu em dez das onze regiões nos dois turnos, só perdendo mesmo na RI de *São Paulo*, que também se constitui no maior colégio eleitoral do estado – em grande parte por abrigar e enorme eleitorado da capital - representando por este recorte nada menos que 50,81% dos cidadãos que estavam aptos a votar naquele ano. Entretanto, mesmo perdendo na RI de *São Paulo*, esta representou no primeiro turno 42,71% de todos os votos que o futuro governador obterá.

Trata-se de um feito e tanto para o vencedor final que o desfecho lhe tenha sido tão favorável mesmo tendo perdido nos dois turnos na maior RI, a qual representou 42,71% de seus votos no primeiro turno e 44,89% no segundo. Dizendo de outra forma, Haddad – que foi derrotado - teria de ter se saído bem melhor na RI que supostamente era sua praça forte.

### ***Campinas e São Paulo***

Eu havia destacado que as *Regiões Intermediárias de Campinas e Bauru* foram as que contribuíram com maior número proporcional de municípios vitoriosos para Tarcísio e a de *São Paulo* para Haddad. No entanto, é muito claro que o candidato do PT tirou pouco proveito de onde poderia ter obtido – em tese – mais votos. Como eu destaquei bem atrás, em termos de votos por faixas de eleitorado municipais Haddad teve seus melhores desempenhos nas minúsculas.

Mesmo perdendo para Haddad na *Região Intermediária de São Paulo*, esta propiciou a Tarcísio uma evolução de 43,37% de votos no segundo turno, embora o candidato do PT tenha tido aí crescimento de 28%, o que é pouco por se tratar do maior colégio eleitoral com 17,9 milhões de eleitores no ano em questão. É crescimento baixo de fato, ainda que se leve em consideração que os candidatos com votações mais altas inicialmente tenham variação positiva mais modesta no segundo.

### ***Esmiuçando a Região Intermediária de São Paulo***

Justamente pelo que descrevi sobre a *Região Intermediária de São Paulo*, considero conveniente me deter ainda mais na mesma a fim de que o interessado possa tirar suas próprias conclusões. No primeiro turno, Fernando Haddad venceu exatamente na metade dos municípios que a integram – 25 – com um eleitorado médio municipal de 575.033 eleitores e obtendo uma média de votos válidos de 33,49%. Excluindo a capital do cômputo, as médias caem significativamente para o candidato do PT. A de eleitores desce a 210.899, todavia a de votos válidos pouco oscila – 33,53%.

Tarcísio, por sua vez, venceu em 22 nos quais a média de eleitorado apto era bem menor – 154.499 – porém alcançando média de válidos em quantidade bem superior a de Haddad nas que o adversário venceu – 43,55%. E, apenas para constar, Elvis Cesar - como já havia mencionado - venceu em outros dois municípios.

No segundo turno, Tarcísio reagiu e agregou vitórias em mais oito municípios embora, curiosamente, estes se constituíssem em eleitorado médio menor do que no primeiro turno, a saber: 153.491. Ainda assim, aumentou em demasia a média de votos válidos – 56,11% nestes vitoriosos indicando maior distribuição de seus votos. Em seis dos oito municípios que Tarcísio venceu, seis haviam dado a primeira colocação para Haddad no primeiro.

Haddad, por sua vez, que perdeu oito municípios, incrementou o eleitorado médio dos 20 onde em que ficou na dianteira – 664.815 – todavia descendo para 209.581 ao se excluir a capital. E sua média de votos válidos de “vitorioso” subiu para 45,42%.

O possível dado positivo para a campanha de Fernando Haddad nesta eleição de 2026 é a de que na capital – em termos proporcionais ao eleitorado - ele vem se recuperando nos dois turnos de forma ininterrupta a partir da eleição para presidente de 2018, depois de ter perdido em primeiro turno a reeleição de prefeito de São Paulo em 2016 para João Doria. O município de São Paulo isoladamente respondia em 2022 por nada menos que 26,87% de todo o eleitorado paulista.

### ***A abstenção eleitoral pode ter prejudicado Haddad***

O compromisso dos eleitores em participar das eleições - ainda que o comparecimento seja obrigatório - pode afetar de forma diferente os candidatos ou praticamente não ter qualquer impacto. Quase invariavelmente terá alguma consequência para um dos dois mais votados, tal como seu oposto, a abstenção. Nesta eleição estadual de governador, os ausentes parecem ter prejudicado Fernando Haddad.

A melhor maneira de verificar esta afirmação é focar para além do percentual de votos válidos, atentando-se igualmente aos de comparecimento eleitoral e dos votos na base do eleitorado. A proporção de votos de Haddad oscilou nestas outras duas bases. No comparecimento eleitoral ficou ligeiramente acima da média com 39,90% contra 39,86% - e na terceira posição. Na base do eleitorado ficou abaixo da média (31,47% contra 33,11% da média), penúltima posição. Em outras palavras, a abstenção eleitoral prejudicou-o de forma expressiva, embora os votos brancos e nulos nem tanto assim.

O comparecimento sempre sofre variações significativas quando este é examinado sob a forma desagregada, mas que tal procedimento não confunda nosso leitor de sorte que o mesmo poderia ficar com a sensação que nosso corpo foi feito em pedaços com diferentes atitudes. Com base nos dados colhidos e disponibilizados pelo TSE estes se dividem em sexo, estado civil, faixa etária e grau de instrução.

### ***E se focarmos os PIBs e as Receitas Municipais nas Regiões?***

De forma geral, seja considerando o Produto Interno Bruto (PIB) dos municípios quanto as receitas per capita realizadas pelas prefeituras dos mesmos, não há relevante associação destes indicadores com os resultados eleitorais para um ou para outro candidato. Tal negativa se apoia em minha experiência com estes temas para os quais tanto correlações positivas quanto negativas para serem levadas em conta precisam se dar a partir de mais ou menos 0,250.

Verificando primeiramente as receitas municipais per capita realizadas nas regiões intermediárias (RIs) – e recordando nosso eventual leitor que estou considerando as médias dos valores dos municípios destas integrantes - houve casos em que tal alinhamento se deu no primeiro e/ou no segundo turno. No primeiro turno, para o candidato Tarcísio de Freitas isto se passou em sete das onze RIs nas quais os resultados estiveram além de 0,250 para mais ou para menos, sendo que em nada menos que seis das sete regiões foram negativas e somente em uma positiva. O mais alto valor negativo ocorreu em Presidente Prudente (-0,499), seguido por Araraquara (-0,411). Depois destes vieram Bauru (-0,381), Araçatuba (-0,359), Sorocaba (-0,316) e São José dos Campos (-0,264). Quanto ao positivo se verificou na RI de São Paulo (0,437).

Portanto, o desempenho de Tarcísio foi tanto melhor em seis regiões quanto menores foram as receitas per capita realizadas e no caso inverso da RI de São Paulo, ambas tenderam a caminhar juntas. De qualquer forma, os valores são modestos podendo ser interpretados como de fracos para regular e regular.

Para o mesmo Tarcísio de Freitas, no segundo turno os valores superaram 0,250 a mais ou a menos em somente quatro regiões intermediárias, sendo que a RI de *São José dos Campos* surpreendeu com a associação passando de -0,264 para 0,504, e assumindo o mais alto valor para este candidato. As RIs de *Presidente Prudente* e *Araçatuba* estiveram entre as mais altas correlações negativas com -0,431 e -0,357 respectivamente e a Região Intermediária de *São Paulo* subiu ainda mais em relação ao primeiro turno atingindo 0,450.

No que diz respeito a relação entre seus resultados e o PIB per capita municipal, este indicador nada teve a ver com os resultados eleitorais do candidato Tarcísio. Tanto no primeiro quanto no segundo turno, nenhum valor alcançou 0,250 em sentido positivo ou negativo.

Quanto a Fernando Haddad, no primeiro turno, houve associação entre as receitas municipais per capita realizadas e seu desempenho em somente três das onze regiões intermediárias - *Araçatuba*, *Presidente Prudente* e *São José dos Campos* – sendo negativa na primeira (-0,400) e positiva nas duas outras (0,514 e 0,425). No segundo turno, a associação se verificou em cinco das onze regiões, mantendo seus valores bem próximos das três regiões nas quais já se apresentaram na etapa inicial e acrescentando mais dois – *São Paulo* e *Sorocaba*, sendo que na primeira o resultado foi negativo (-0,270) e na segunda positivo (0,284).

Tal como seu oponente, a associação entre o PIB per capita municipal nas regiões e o desempenho de Fernando Haddad foi sem qualquer importância, à exceção de no segundo turno na região intermediária de *Ribeirão Preto* (0,370).

O leitor interessado nos detalhes desses números poderá observá-los nas duas tabelas que disponibilizo na página seguinte.

TABELA 1				
<i>Correlações</i>				
<i>% Votos no Eleitorado dos dois candidatos X Receitas Municipais Realizadas per capita</i>				
REGIÃO INTERMEDIÁRIA	1º TURNO		2º TURNO	
	TARCÍSIO	HADDAD	TARCÍSIO	HADDAD
Araçatuba	-0,359	-0,400	-0,357	-0,390
Araraquara	-0,411	0,003	-0,159	0,120
Bauru	-0,381	0,011	-0,019	-0,204
Campinas	0,199	0,018	0,159	0,005
Marília	-0,149	0,011	0,080	0,093
Presidente Prudente	-0,499	0,514	-0,431	0,583
Ribeirão Preto	-0,031	-0,184	0,053	-0,009
São José do Rio Preto	0,248	-0,126	0,178	-0,200
São José dos Campos	-0,264	0,425	0,504	0,400
São Paulo	0,437	-0,238	0,450	-0,270
Sorocaba	-0,316	-0,247	-0,247	0,284

Observações: na cor amarela, valores negativos abaixo de -0,250 e na cor azul valores positivos acima de 0,250

TABELA 2				
<i>Correlações</i>				
<i>% Votos no Eleitorado dos dois candidatos X PIBs Per Capita Municipais nas RIs</i>				
REGIÃO INTERMEDIÁRIA	1º TURNO		2º TURNO	
	TARCÍSIO	HADDAD	TARCÍSIO	HADDAD
Araçatuba	0,023	0,172	-0,061	0,163
Araraquara	-0,165	-0,159	-0,159	0,120
Bauru	0,088	-0,019	0,012	-0,043
Campinas	0,176	0,213	0,043	0,173
Marília	0,092	-0,065	0,125	-0,154
Presidente Prudente	-0,076	0,235	-0,128	0,097
Ribeirão Preto	-0,231	0,198	-0,128	0,379
São José do Rio Preto	-0,036	-0,131	-0,361	-0,059
São José dos Campos	0,216	0,166	-0,022	-0,056
São Paulo	0,098	0,053	0,131	0,110
Sorocaba	0,168	-0,188	0,138	-0,174

Observações: na cor amarela, valores negativos abaixo de -0,250 e na cor azul valores positivos acima de 0,250

### ***Arriscando algumas palavras finais***

Se algum leitor chegou até aqui, além deste que escreve este artigo pela própria obrigação de revisão do texto, já terá se dado conta de que a eleição de 2022 foi amplamente favorável para o atual governador em praticamente todos os ângulos pelos quais se verifiquem os resultados desagregados. Como também terá se apercebido, tendo por referência os dados finais que procuraram verificar associação com receitas municipais e PIB dos municípios que um e outro ofereceram realidades distintas e também para cada um dos dois candidatos.

Em relação ao candidato Fernando Haddad, há que se mencionar algo externo aos dados aqui apresentados, embora possam ser mais bem compreendidos a partir de seu conhecimento. Ele não tinha efetivo interesse de disputar a eleição já tendo disputado eleições anteriores de presidente (2018) e prefeito (2016) sem sucesso, sendo que a de prefeito era reeleição. Fez isso, como parece até agora ser o mesmo que fez em 2022, para contribuir com o candidato Luis Inácio Lula da Silva em sua eleição (reeleição) à presidência da República, gerando o famoso “palanque”. É o que a imprensa noticiou à larga e o próprio chegou a dizer meses antes das referidas disputas.

Fatores objetivos influenciam muito nos resultados, tais como recursos financeiros, as leis eleitorais, o perfil dos outros candidatos na disputa, e resultados passados, entre outros. Porém, a determinação política, isto é, vontade de disputar também faz enorme diferença, pois uma disputa desta envergadura exige muito do candidato em termos físicos e mentais.

Merece atenção dos que analisam o pleito que as receitas per capita auferidas pelas municipalidades parecem revelar sinais distintos para os dois candidatos, enquanto o PIB per capita municipal não revelou qualquer associação com nenhum deles. Neste último caso, é algo até positivo para qualquer candidato que as riquezas locais não indiquem qualquer alinhamento com os dois candidatos.

Como eu havia dito no início, não tenho como afirmar com base nos dados de 2022 que a eleição de 2026 repetirá aqueles resultados, mas a leitura dos mesmos me fortaleceu a convicção de que a distribuição dos votos do candidato petista é claro indicador de alguém que parecia pouco envolvido na disputa, ao menos em termos de articulação pessoal e envolvimento físico, ou seja, realização de campanha e contatos pessoais por todo o estado.

**\*RUI TAVARES MALUF.** Pesquisador, consultor e professor universitário. Ex-professor da Faculdade de Sociologia e Política de São Paulo – Escola de Humanidades (2005-2022), das Faculdades Campos Salles (2001-2011) e de outras instituições de ensino superior. Fundador e editor da consultoria e do site *Processo & Decisão*. Doutor em ciência política (USP). Mestre em ciência política (UNICAMP). Autor dos livros *Eleições Presidenciais na América do Sul* (2025); *Amadores, Passageiros e Profissionais* (2011) e *Prefeitos na Mira* (2001), os dois últimos pela editora Biruta. Autor de inúmeros artigos sobre política municipal, nacional e internacional do Brasil em relação aos países da América do Sul.

### ***Fontes de consulta***

#### **IBGE**

[https://geoftp.ibge.gov.br/organizacao\\_do\\_territorio/divisao\\_regional/divisao\\_regional\\_do\\_brasil/divisao\\_regional\\_do\\_brasil\\_em\\_regioes\\_geograficas\\_2017/mapas/35\\_regioes\\_geograficas\\_sa\\_o\\_paulo.pdf](https://geoftp.ibge.gov.br/organizacao_do_territorio/divisao_regional/divisao_regional_do_brasil/divisao_regional_do_brasil_em_regioes_geograficas_2017/mapas/35_regioes_geograficas_sa_o_paulo.pdf)

#### **MAPAS PAULISTAS**

<https://mapaspaulistas.blogspot.com/2020/06/zddmfmbd.html>

#### **PROCESSO & DECISÃO**

Banco de dados eleitorais

#### **TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL.**

Estatísticas dos resultados eleitorais de 2022. Votação Nominal, Comparecimento e Abstenção.  
Estado de São Paulo.

<https://sig.tse.jus.br/ords/dwapr/r/seai/sig-eleicao-resultados/pain%C3%A9is-de-resultados?session=205645544120094>

\*\*\*